



JORNALISMO PERIFÉRICO: AS INICIATIVAS INDEPENDENTES DA “AGÊNCIA MURAL” E “PERIFERIA EM MOVIMENTO”

Jaqueline Lemos¹

Bruna Santos²

RESUMO: Este artigo visa debater sobre o jornalismo periférico, com foco nos modos operandi dos veículos de comunicação Agência Mural e Periferia em Movimento. Por meio de entrevistas com jornalistas desses veículos, foram explorados os enfrentamentos realizados pelos moradores das periferias, assim como sua cobertura jornalística. Além disso, o artigo utilizou a fundamentação teórica de Mara Rovida para analisar a relação entre os produtores da comunicação e seus territórios. O estudo visa contribuir para a compreensão da democratização da comunicação, da valorização da diversidade e sua representatividade. Como resultado foi identificado que o jornalismo periférico, exemplificado pela Agência Mural e Periferia em Movimento, desempenha um papel essencial na democratização da informação e no fortalecimento do debate público nas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalistas. Periferias. Jornalismo independente. Produções jornalísticas. Comunicação.*

ABSTRACT: This article aims to discuss peripheral journalism, focusing on the modus operandi of the communication outlets Agência Mural and Periferia em Movimento. Through interviews with journalists from these organizations, the challenges faced by residents of peripheral areas and their journalistic coverage were explored. In addition, the article drew on the theoretical framework of Mara Rovida to analyze the relationship between communication producers and their territories. The study seeks to contribute to the understanding of communication democratization, the appreciation of diversity, and its representativeness. As a result, it was identified that peripheral journalism, exemplified by Agência Mural and Periferia em Movimento, plays a key role in the democratization of information and in strengthening public debate within communities.

KEYWORDS: *Journalists. Suburbs. Independent journalism. Journalistic productions. Communication.*

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (2016). Docente da Universidade São Judas Tadeu. E-mail: 67jaquelemos@gmail.com

² Graduada em Jornalismo pela Universidade São Judas. E-mail: brunna@gmail.com

Introdução

As mudanças no fazer jornalístico têm sido observadas e discutidas nos últimos anos. A produção jornalística fora do circuito *mainstream*³ é um fenômeno que vem sendo estudado por pesquisadores da comunicação no país em suas diversas formas, sejam elas comunitárias, alternativas e independentes desde a década de 1980. Apesar desse tipo de jornalismo não ser novidade, abordar o tema se torna cada vez mais necessário quando existe a percepção do aumento expressivo dessas produções.

No Brasil, as principais mudanças aconteceram com a criação da imprensa alternativa, durante a Ditadura de 1964, apesar de iniciativas existirem desde o período republicano. No início dos anos 1990, com a chegada das novas tecnologias a expansão e criação de veículos alternativos foi impulsionada. O movimento de saída do jornalismo dos domínios da redação, tornou a internet um gerador de notícias, possibilitando a proliferação desses veículos no espaço digital devido ao barateamento de sua produção.

Para Deuze e Witschege, as empresas e veículos de comunicação passaram a se organizar “em várias unidades menores, ou mudaram para um estilo de trabalho e gestão mais descentralizado, baseado em equipes - tentando nivelar hierarquias existentes nas empresas” (Deuze; Witschege, 2015, p. 17). Figaro e Nonato entendem a busca de novas alternativas pelos jornalistas e se apoiam na nomenclatura ‘arranjos econômicos’. Para as pesquisadoras:

(...) os jornalistas participantes desses ‘arranjos econômicos’ alternativos apropriam-se das tecnologias digitais da comunicação para atuar em coletivos organizados horizontalmente, em busca de independência dos grandes grupos de comunicação (Figaro; Nonato, 2015, n.p.).

O chamado “jornalismo periférico” ou “jornalismo das periferias” – o que a pesquisadora Mara Rovida entende como extrato do jornalismo alternativo, caracterizado pela “relação entre os produtores da comunicação e o território sobre o qual falam” (Rovida, 2018, p. 60) – é uma

³ *Mainstream* é um conceito que expressa uma tendência ou moda principal e dominante. No jornalismo, o termo "mainstream" é frequentemente usado para se referir aos principais meios de comunicação considerados populares e amplamente acessados pelo público.

forma de jornalismo que busca trazer à tona as histórias e perspectivas dos moradores das periferias urbanas, muitas vezes ignorados ou estereotipados pelos meios de comunicação tradicionais.

O levantamento⁴ coordenado pela professora Roseli Figaro, desenvolvido no Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), destaca que essas produções jornalísticas tiveram um significativo aumento entre meados dos anos 2000 e início de 2010. Isso se deve, na maioria dos casos, ao avanço da internet e das redes sociais, que permitiram a criação de novos veículos de comunicação independentes e a disseminação de conteúdo produzido por jornalistas e comunicadores das periferias. “Esses arranjos são espaços de aprendizado e de trabalho coletivo solidário” (Fígaro, 2018, p.12).

Esses veículos de comunicação periféricos vêm se destacando pela produção de conteúdo que retrata a realidade e as questões enfrentadas pelos moradores das periferias, como violência e exclusão social, dando destaque a pautas educacionais, culturais, sociais entre outros temas. Além disso, o jornalismo periférico hoje tem um papel importante na luta pela democratização da comunicação, ampliando o acesso das comunidades periféricas à informação e ao debate público, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e participativa.

41

O subúrbio então quase sempre será vinculado a acontecimentos violentos, e as vozes dos sujeitos desses cenários estarão impreterivelmente ligadas a esse tipo de situação. Portanto, o estigma é reforçado, por um lado, porque esses sujeitos são mencionados quase que exclusivamente nesse tipo de pauta; mas, por outro, porque são considerados de capacidade intelectual e cultural limitada para opinar sobre qualquer coisa, mesmo que diga respeito ao próprio subúrbio. [...] A imprensa acaba por contribuir com uma imagem empobrecida e preconcebida dos subúrbios e não consegue fazer ver o cotidiano urbano complexo e recheado de acontecimentos que não estão necessariamente ligados à violência (Rovida, 2018, p. 58).

Quando jornalistas e comunicadores indicam a necessidade de produzir pautas voltadas à pluralidade e à diversidade de narrativas periféricas, passamos dedicar tempo para refletir e

⁴ As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia, 2018. O objetivo foi fazer um levantamento quantitativo e classificatório dos arranjos às corporações de mídia no Brasil, com mais detalhamento na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

teorizar sobre o papel do jornalismo na sociedade, a fim de orientar suas atividades dentro de suas respectivas comunidades. Assim, nos aproximamos do sentido que Tiarajú Pablo D'Ándrea chamou de "sujeitos periféricos" em sua tese de doutorado em 2013. O conceito é usado para se referir aos grupos sociais que são marginalizados e excluídos da sociedade.

Ciente do conceito atribuído por D'Ándrea e da importância de redações diversas fora do circuito *mainstream*, isto é, desvinculadas da imprensa tradicional, feitas a partir do trabalho desenvolvido pelo jornalismo profissional produzido sobre, para e a partir das periferias e favelas brasileiras, Juliana Freire Bezerra discute sobre a diversidade na mídia a partir da produção, articulação e protagonismo destes agentes periféricos:

Das mãos e das mentes dos (as) Sujeitos (as) Periféricos (as) e Favelados (as) (pessoas negras, indígenas, brancas, jovens e experientes, femininas e masculinas), que dirigem, coordenam e produzem esse jornalismo, nascem histórias pouco contadas sobre as periferias e favelas brasileiras. Com o olhar apurado e sensível de um (a) morador (a) favelado (a) e/ou periférico (a), os (as) jornalistas destas iniciativas revelam que aquelas realidades não se resumem à violência, à pobreza e ao tráfico de drogas como historicamente foram retratadas. Visibilizando pautas, personagens, fontes, que até então eram desconhecidas publicamente, geram conhecimentos plurais sobre os diversos Brasis existentes no nosso país e mostram que a cultura periférica e favelada é pura potência, dinâmica em termos econômicos, intelectuais, políticos, artísticos. Faz parte do compromisso histórico deste jornalismo também denunciar a ausência e os desmandos do Estado nestas realidades (Bezerra, 2022, n.p.).

42

Os sujeitos periféricos são frequentemente retratados de maneira estereotipada e preconceituosa pelos meios de comunicação, o que pode reforçar sua marginalização e perpetuar a desigualdade social. Destaca-se a importância do espaço para esses grupos na mídia, a fim de promover inclusão, representatividade e a diversidade. O presente artigo busca levantar e compreender uma perspectiva crítica da comunicação, observando as estruturas de veículos independentes, seus *modos operandi* e *newsmaking*⁵.

Para isso, foram selecionados dois veículos de comunicação independentes que produzem o jornalismo periférico, presentes nas periferias da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) e que têm ganhado destaque nos últimos anos. São eles a Agência Mural de Jornalismo das

⁵ O termo se refere ao processo de produção de notícias pelos meios de comunicação, incluindo a seleção, edição e apresentação das informações.

Periferias⁶, que tem como missão “minimizar as lacunas de informação e contribuir para a desconstrução de estereótipos sobre as periferias da Grande São Paulo.” E a Periferia em Movimento⁷, que entende sua missão no “fazer um jornalismo sobre, para e a partir das periferias [...] para ocupar espaços que sempre nos negaram e garantir o acesso a direitos.”

Para a elaboração deste artigo, nos apoiamos em revisões bibliográficas e na fundamentação teórica, que nos permitisse um olhar complexo sobre as narrativas jornalísticas periféricas. Do ponto de vista metodológico ainda destacamos que realizamos um estudo de caso articulado com entrevistas semi-estruturadas⁸ com jornalistas representantes dos objetos escolhidos, que proporcionaram uma perspectiva mais próxima e realista da experiência e percepções dos profissionais envolvidos, enriquecendo assim a análise e os resultados obtidos.

O jornalismo elaborado pelos periféricos

De acordo com Mara Rovida, a noção de periferia não é nova, o termo vem sendo ressignificado por artistas, pesquisadores e pessoas que vivem em regiões periféricas (Rovida, 2020, p. 39). O conceito de periferia no contexto do jornalismo periférico pode ser compreendido de diferentes maneiras, mas em geral se refere às regiões urbanas marginalizadas e socialmente excluídas do centro urbano e dos principais meios de comunicação.

No trabalho de D'Andrea é abordado o conceito de periferia sob a ótica da mobilização social em áreas marginalizadas e distantes dos centros urbanos mais desenvolvidos. O sociólogo entende o conceito de periferia como “equivalente a termos que indicam processos ou espaços geográficos e sociais similares, tais como bairros populares, moradores de bairros pobres, e mesmo classes populares” (D'Andrea, 2013, p. 10).

A partir dos anos 1980, as periferias urbanas passaram a crescer em um ritmo mais acelerado do que os núcleos ou municípios centrais nas metrópoles, como lembra Ermínia

⁶ Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/>

⁷ Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/>

⁸ Paulo Talarico e Aline Rodrigues, respectivamente representantes da Agência Mural de Jornalismo das Periferias e Periferia em Movimento, foram entrevistados via e-mail e pelo aplicativo dinâmico de mensagens, o WhatsApp. As perguntas foram elaboradas previamente e o mesmo questionário foi encaminhado para ambos nos dias 19 e 27 de abril de 2023. As respostas foram obtidas nos dias 27 de abril e 8 de maio de 2023.

Maricato. A pesquisadora diz que essa expansão “tem sua expressão mais concreta na segregação espacial ou ambiental, configurando imensas regiões nas quais a pobreza é homogêneamente disseminada” (Maricato, 2003, p. 152). Dessa forma, na leitura de Maricato, as franjas da cidade – metáfora usada pela arquiteta e urbanista para se referir às localidades mais afastadas dos centros urbanos – vão ganhando aspecto de periferização.

Ainda em relação ao fenômeno da periferização, Yvonne Mautner (1999) destaca o significado do conceito social de "periferia" na cidade de São Paulo.

Em São Paulo, 'periferia' tem um significado específico. Reflete a visão dual que o senso comum atribui ao espaço urbano. Geograficamente significa as franjas da cidade. [...] o local onde moram os pobres, em contraposição à parte central da cidade, estruturada e acabada. Existem exceções, é claro, empreendimentos imobiliários de luxo também podem ser encontrados nos limites da cidade, assim como cortiços nas áreas centrais--porém jamais seriam identificados como 'periferia' (Mautner, 1999, p. 253).

Trata-se portanto de um conceito geográfico e social. A importância de que todas as classes sociais consigam acesso aos bens culturais inclui a livre circulação de informações, que se dá a necessidade e possibilidade do cidadão participar de debates públicos, discutir e refletir sobre questões sociais e compreender o espaço que o rodeia, assim como impactos de uma área sobre a outra e a luta pela melhoria de suas condições de vida.

O acesso à informação é um direito fundamental previsto pela Constituição Federal e que – conforme o segundo artigo do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros– “o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse”. (FENAJ, Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, 2007). De acordo com Peruzzo (2009, p. 38), uma quinta geração dos direitos sociais.

O levantamento do Atlas da Notícia⁹, em 2023, constatou uma queda de 8,6% no número de municípios brasileiros considerados ‘desertos de notícias’¹⁰. Os dados apontam que 2.712 cidades não possuem nenhum veículo de comunicação, segundo a pesquisa, são 26,7 milhões de

⁹ Jornalismo de dados sobre a presença ou ausência da imprensa no território nacional. O último censo coletou dados foi realizada em 2023. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em mar. de 2025.

¹⁰ Desertos de notícias são municípios sem veículos jornalísticos, ou seja, sem cobertura significativa da imprensa.

peessoas sem acesso a nenhum veículo noticioso local para a divulgação de informações sobre a região. A pesquisa ainda identificou que os veículos digitais são maioria das iniciativas, com 5.245 propostas, seguidos da rádio com 4.836 canais, representando 70% de todo ecossistema midiático brasileiro. Apesar disso, 13,2% da população ainda não tem acesso a veículos de comunicação locais.

Os desertos de notícias e as periferias compartilham a falta de acesso a informações de qualidade e a uma cobertura jornalística adequada. O jornalismo periférico surge como uma forma de combater essas lacunas, fornecendo uma cobertura mais inclusiva, autêntica e precisa das realidades das periferias. Além disso, visa ampliar a diversidade de vozes no campo jornalístico e garantir que as histórias das comunidades periféricas sejam contadas de maneira justa e assertiva.

As narrativas produzidas por esses jornalistas periféricos são elaboradas a partir de um determinado território o que diferencia por conterem perspectivas específicas que não podem ser entendidas fora dessa relação com o lugar de pertencimento dos sujeitos representados nas histórias e dos sujeitos produtores da comunicação, eles também sujeitos periféricos. Essa vinculação com o espaço é geradora de identidade social e determina como os sujeitos sociais participarão da vida na cidade, na sociedade (Rovida, 2020; p. 19).

45

De acordo com Larissa Gould de Assis (2018), a produção cultural das periferias sempre foi marginalizada na história, no entanto, essa realidade não desanima os agentes culturais dessas regiões. Em seu artigo, destaca que essa exclusão impulsionou movimentos culturais próprios das periferias, que criaram uma agenda independente com saraus, festivais e eventos. Além disso, afirma que:

Esses mesmos agentes periféricos passaram a encontrar um novo desafio: a comunicação. Cansados de serem retratados unicamente nas páginas policiais, coletivos da comunicação efervescem nas margens das cidades. Seja para divulgar as atividades culturais, seja para denunciar violações de direitos humanos (ASSIS, 2018; p. 1).

Segundo os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) é composta por 39 municípios, incluindo a capital paulista. A pesquisa *Mapa do Jornalismo Periférico: passado, presente e futuro*, produzida em

2019 pelo Fórum de Comunicação e Territórios¹¹ de São Paulo, através da metodologia bola de neve, mapeou 97 iniciativas de jornalismo periférico na cidade de São Paulo.

O jornalismo periférico tem ganhado mais espaço e visibilidade no cenário jornalístico brasileiro. Mara Rovida (2018) argumenta haver um fenômeno no jornalismo contemporâneo em que a representação da periferia é feita pelos próprios moradores dessas áreas. A autora destaca também que a procura por alternativas aos espaços tradicionais de produção jornalística tem se intensificado no país. Segundo a pesquisadora, é possível identificar diferenças significativas entre o jornalismo produzido pelos grupos dominantes e pelas iniciativas alternativas sendo este um reflexo da “hierarquização das informações e pela presença de determinadas vozes ou fontes. Tais escolhas passam pelo compromisso público assumido pelos produtores do jornalismo alternativo, cujo objetivo é apresentar aquilo que é omitido pela imprensa tradicional” (Rovida, 2018, p. 56).

Essa perspectiva vai ao encontro dos conceitos de comunicação para a cidadania abordados por diversos autores brasileiros, entre eles Círcia Peruzzo, que demonstra através de diversos estudos como a população possui a capacidade coletiva de transformação dos territórios por meio de comunicação participativa, plural, diversa e horizontal (Peruzzo, 2019).

Peruzzo (2019, p. 41) aponta que a comunicação comunitária é um processo essencial para a garantia e promoção da cidadania entre sujeitos subalternizados, assim como espaços considerados marginalizados pela sociedade, incluindo as novas formas propostas pelas tecnologias digitais. Por meio de iniciativas de comunicação popular, comunitária e cidadã se torna possível a vivência harmônica com o território, ao mesmo tempo em que reivindicações para transformação e melhoria dos processos sejam conquistadas, inclusive para o desenvolvimento de políticas públicas.

Com o surgimento desse novo contexto, a periferia não é mais vista apenas como um produto estereotipado pela mídia dominante, mas passa a ser a protagonista de suas próprias histórias. Dessa forma, o aparecimento destes novos formatos de jornalismo alternativo se concentram tanto em incorporar a perspectiva da periferia na produção de notícias quanto em incentivar movimentos sociais e a coletividade em diversos territórios, contribuindo para inovação social e comunicacional. Esse movimento de empoderamento e representação é

¹¹ Projeto da Rede Jornalistas das Periferias.

essencial para a construção de uma sociedade mais plural e diversa, e representa uma mudança significativa na forma como a mídia se relaciona com as comunidades periféricas.

Cláudia Nonato (2018, p. 10) entrevistou dezessete jornalistas – pertencentes a cinco iniciativas diferentes. Ao serem questionados sobre o tipo de jornalismo que produzem, a maioria dos entrevistados apontou que trata-se de uma iniciativa que tem como principal objetivo divulgar informações de/para quem vive na periferia.

Em suma, de acordo com Mara Rovida “o jornalismo das periferias é, portanto, uma prática embasada pelos tradicionais valores dessa arte de tecer o presente potencialmente mediadora do diálogo social” (Rovida, 2020, p. 143). Ou seja, uma forma de contar histórias situadas dentro de uma lógica social, marcada por uma história e contextos específicos que fornecem possibilidade de uma leitura mais complexa da realidade, favorecendo o diálogo e a construção de outras formas de enxergar e viver o mundo que nos cerca.

Agência Mural de Jornalismo

A Agência Mural de Jornalismo das Periferias é uma referência em termos de movimento de engajamento de notícias nas periferias. Isso se deve ao fato de que ela é um coletivo de comunicação dedicado a cobrir as notícias e acontecimentos dos bairros periféricos de São Paulo. O projeto começou em 2010, com o *Blog Mural de Notícias das Periferias* - hospedado no site do jornal Folha de São Paulo, uma das maiores corporações de mídia brasileira. Criado com a proposta de escrever sobre o que acontecia nos bairros periféricos, que muitas vezes são ignorados pelos meios de comunicação de massa. Com o tempo, o projeto cresceu e evoluiu, dando origem à *Agência Mural*.

Atualmente, a Agência conta com um grupo de aproximadamente 50 correspondentes locais, ou muralistas, como preferem se referir os jornalistas e repórteres colaboradores do projeto, vale ressaltar que todos são periféricos. Eles estão espalhados por diferentes bairros da capital paulistana, assim como em outros municípios da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Cada correspondente é responsável por cobrir as notícias e acontecimentos de uma determinada região ou cidade, na qual possuem maior afinidade e conhecimento.

Seja nas áreas de cultura, educação, saúde, mobilidade, trabalho ou qualquer outra esfera da vida nessas localidades, a *Agência Mural* fornece uma cobertura jornalística sólida e

contextualizada. Além disso, os muralistas compreendem a importância da representatividade em sua atuação. Ao abordar questões de gênero, raça e classe de forma transversal, o projeto busca trazer à tona perspectivas de diferentes grupos presentes nas periferias, contribuindo para uma narrativa mais abrangente, que reflita a diversidade das comunidades.

Cremilda Medina (1996) entende que para o jornalista desempenhar seu papel de mediador do debate público, precisa lidar com as diversidades presentes no contemporâneo, ou seja, “o ato jornalístico exige um olhar sutil e discreto do leitor cultural; uma visão complexa apta a reconhecer a polifonia e a polissemia do contexto sociocultural; e a relação dinâmica entre eu e o outro” (Medina, 1996, p. 33).

De acordo com o próprio site da agência, os muralistas são “de diferentes credos e religiões, etnias e raças, gênero e orientação sexual”. Segundo os últimos dados coletados, 62% dos colaboradores têm mais de 20 anos e 60,8% são pretos e pardos. Além disso, possuem formação em áreas diversas como jornalismo, publicidade, design, secretariado, economia, entre outros. Atualmente, são cerca de 20 pessoas trabalhando na equipe fixa e, como já mencionado, em termos de correspondentes locais, são mais de 50 muralistas espalhados pelos 39 municípios da RMSP e pelas quatro regiões da capital paulista.

Mara Rovida (2020) considera a Agência Mural de Jornalismo das Periferias um dos arranjos jornalísticos que melhor representa a pluralidade periférica e “cria uma espécie de rede de jornalistas observando e narrando histórias de um território pouco noticiado [...] na cobertura da imprensa tradicional” (Rovida, 2020, p. 47).

Paulo Talarico, cofundador da Agência Mural e jornalista, ocupa o cargo de Diretor de Treinamento e Dados, além de liderar o projeto Clube Mural¹². Durante uma conversa por e-mail com o editor-chefe, foi discutido como o perfil dos jornalistas influencia na escolha das pautas. Talarico compartilha sua perspectiva, afirmando que:

Acredito que ser de uma região e fazer a cobertura sobre ela ajuda a entender melhor as realidades vividas pelos moradores, bem como encontrar novas pautas. Além disso, quando as redações conseguem ampliar a participação de repórteres pretos e periféricos, elas se enriquecem com outras visões de mundo e na qualidade do trabalho realizado (Talarico, em entrevista, 2023).

¹² Laboratório de jornalismo e experimentação.

Figura 1: O Instagram da Agência Mural e suas pautas



Fonte: [instagram.com/agenciademural](https://www.instagram.com/agenciademural)

A Mural cobre temáticas que envolvem desde problemas de infraestrutura urbana até festas tradicionais das periferias, a exceção são temas comumente tratados pela imprensa *mainstream* quando se fala em periferias, como pautas de violência, segurança pública e assistencialismo de agentes externos – para os muralistas, ações de grandes empresas são entendidas mais como publicidade do que mudança real. A proposta de cobertura é dar mais visibilidade às narrativas de quem atua e vive nas periferias, oferecendo protagonismo aos

moradores. Sempre com base em 10 princípios diretrizes na cobertura jornalística das periferias, apresentados no site da Agência, a saber:

- Não usar a palavra “carente”;
- Tomar cuidado com o sensacionalismo e clichês;
- Evitar lugares e falas comuns sobre moradores da periferia;
- Não tentar comprovar suas próprias teses;
- Não subestimar a capacidade política dos moradores;
- Lembrar que os moradores da periferia não são “coitados”;
- A periferia não é só violência e escassez de infraestrutura;
- Não esquecer que os bairros periféricos fazem parte da cidade como qualquer outro bairro;
- Não dar ouvidos somente para as fontes oficiais;
- Na periferia há níveis de renda distintos.

Atualmente a Agência Mural alcança 31 mil seguidores e 29 mil curtidas em sua página no Facebook, 26,1 mil seguidores no Instagram, 16,1 mil seguidores no X (antigo Twitter) e 10,6 mil inscritos no canal do YouTube. Paulo Talarico afirma que, em geral, o perfil dos leitores são pessoas com idades entre 18 e 34 anos, com maior parcela do público feminino, e que vivem na Grande São Paulo.

50

Paulo Talarico afirma que todo trabalho na Mural tem remuneração, os correspondentes, por exemplo, recebem por reportagem produzida. Toda a equipe se reúne mensalmente em reuniões, com o intuito de discutir pautas e os rumos da Agência. Além disso, também são oferecidas formações mensais sobre diversos temas relacionados ao jornalismo local e periférico.

O veículo utiliza práticas como *crowdfunding*¹³ para a sustentação econômica e busca diversificar as fontes de receitas, como parcerias para a produção de reportagens ou novos produtos, como o podcast Próxima Parada, realizado com apoio do Spotify. Dessa forma, possuem uma campanha de financiamento coletivo recorrente¹⁴, para quem se interessar em contribuir com

¹³ Financiamento coletivo.

¹⁴ A campanha “Tijolo por tijolo” da Agência Mural aceita colaboração através da plataforma Catarse. Disponível em: <https://www.catarse.me/periferias>

o projeto, além disso, contam com o apoio de algumas organizações internacionais que ajudaram a estruturar a Agência.

Em 2018, a equipe obteve apoio financeiro da Open Society Foundations, o que possibilitou a estruturação e formação de uma equipe permanente. Durante certo período, também contaram com o apoio da Ford Foundation, devido a uma parceria estabelecida com a Rede Nossa São Paulo, para a produção do projeto 32xSP, um projeto que, atualmente, não está mais em atividade. Desde 2018, a equipe já realizou diversos projetos em parceria com o Consulado Americano, Greenpeace, Tide Setubal, Instituto Unibanco e Maria Cecília Souto Vidigal, abrangendo tanto iniciativas de reportagem como de formação.

De acordo com Talarico, as principais dificuldades enfrentadas no cotidiano do jornalismo periférico são a “busca por se estruturar e garantir a sustentabilidade da Agência”. Além disso, conseguir novos apoios para manter a produção jornalística e alcançar novas audiências e ampliar a visibilidade e importância do trabalho desempenhado também se revela como um desafio.

Os muralistas têm uma visão clara dos impactos que seu projeto pode gerar, desde transformar a vida dos moradores retratados na Mural, seja destacando uma iniciativa, um trabalho inspirador ou a necessidade de políticas públicas para melhorar uma determinada região. Outro aspecto importante são as reportagens que garantem o registro histórico de regiões negligenciadas pela mídia tradicional. Além disso, a disseminação e replicação dos conteúdos por outros veículos também contribuem para um impacto maior e demonstram o valor e a importância do trabalho da Mural.

Periferia em Movimento

Fundada em 2009 pelos jovens jornalistas Aline Rodrigues, Sueli dos Reis Carneiro e Thiago Borges, o site da *Periferia em Movimento (PeM)* foi estruturado inicialmente para um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da Universidade Santo Amaro, onde todos os membros se entendem como sujeitos periféricos, Thiago e Sueli moradores do Grajaú e Aline do Campo Limpo, perceberam que ao olhar para os próprios bairros, não os viam registrados nas mídias da melhor forma, além dos estereótipos e por consequência, as pessoas que moram nesses territórios. Contudo, a proposta do TCC era falar da violência como uma consequência, não como uma causa

ou estigma definitivo das periferias, mas contando o quanto a violência tem a haver com falta de acessos a direitos. Apenas Thiago e Aline deram continuidade ao trabalho depois de formados.

Se o diagnóstico da ausência de vozes e perspectivas diversas das periferias na produção jornalística *mainstream* é a motivação desses jornalistas periféricos, a saída encontrada para apresentar uma outra forma de narrar as periferias é o que os reúne nesses projetos coletivos (Rovida, 2020, p. 20).

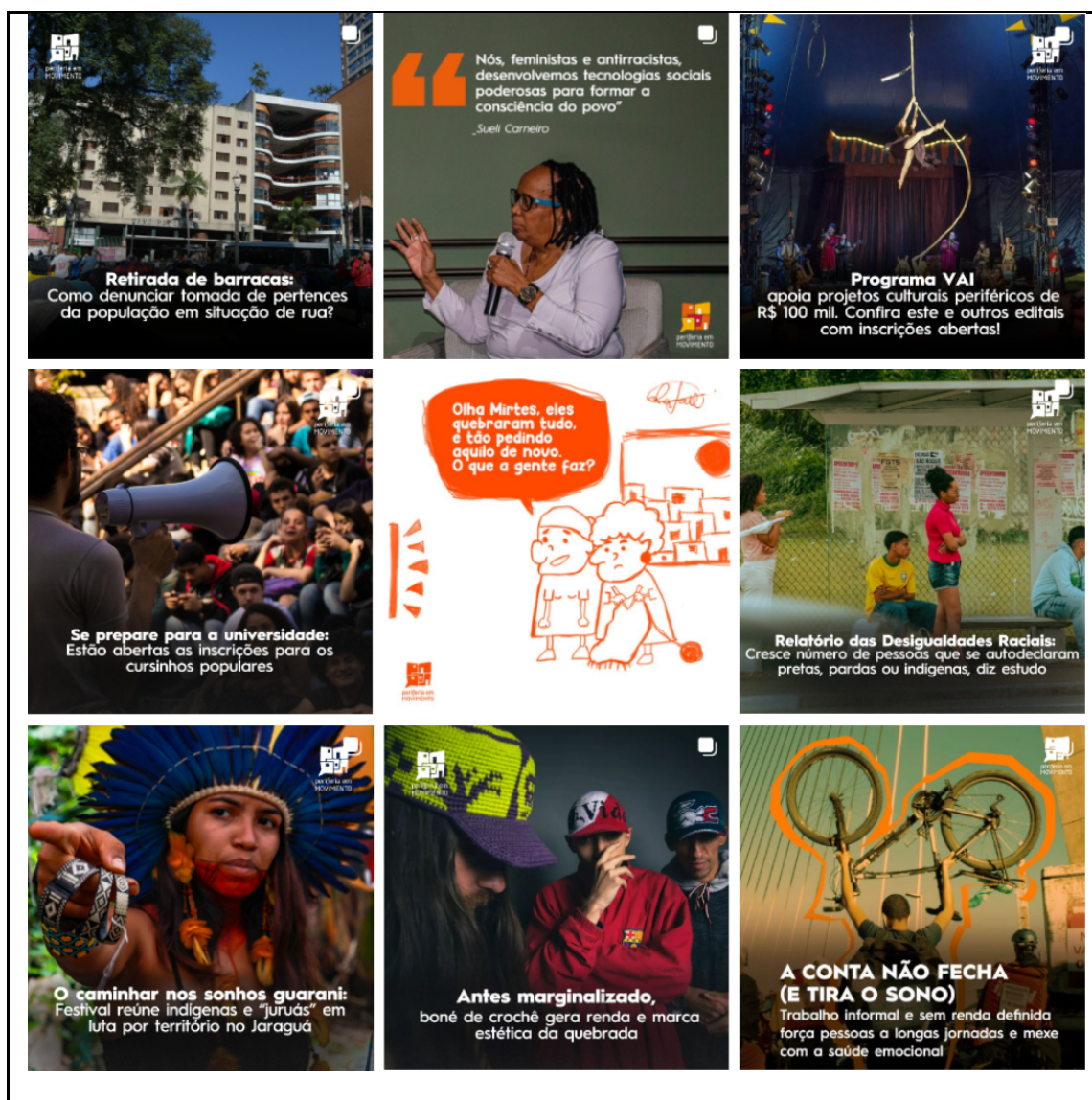
Posteriormente o site da *PeM* é adotado como um jornal digital, assim a *Periferia em Movimento* nasce do olhar para os movimentos de iniciativa que se propõe a indicar mudanças e construir soluções para problemas locais e falta de acesso. Com um objetivo central, busca ampliar o alcance do jornalismo para todas as esferas da população paulistana, fornecendo conteúdo jornalístico pautados na visibilidade, a partir de documentários, entrevistas, debates e reportagens, às histórias daqueles que estão na linha de frente na luta pela garantia de direitos em áreas como cultura, saúde, educação, mobilidade, moradia, preservação ambiental, renda e trabalho.

A equipe de colaboradores da *Periferia em Movimento* é composta por 12 profissionais, sendo 10 deles colaboradores fixos e 2 atuam como freelancers, a equipe também é diversa e inclusiva, contando com 9 pessoas cisgênero e 3 integrantes transgênero, abrangendo homens, mulheres e pessoas não binárias, assim também, conta com 4 pessoas brancas, 5 negras e 3 pardas. Além disso, a faixa etária varia de 20 a 42 anos e já contaram com a participação de uma pessoa indígena. A maioria dos membros reside na zona sul de São Paulo, mas também há alguns membros que moram nas zonas leste e norte. Vale ressaltar que nem todos os profissionais da rede são jornalistas, pois alguns possuem formações diferentes, como design, e outros não operam diretamente na produção de conteúdo.

A abordagem da *PeM* é transversal, considerando de forma interseccional as questões de gênero, raça e classe social. A produção de conteúdo jornalístico busca ir além das manchetes superficiais, mergulhando profundamente nas vivências e experiências das comunidades periféricas. Os temas abordados são diversos e abrangem uma ampla gama de questões sociais, políticas e culturais, fornecendo uma visão autêntica e humanizada da realidade vivenciada pelos moradores das periferias de São Paulo.

Aline Rodrigues é jornalista e atua na gestão de redes e narrativas. O contato com a comunicadora foi realizado através do aplicativo de mensagens dinâmicas, WhatsApp, Aline afirma que “durante as reuniões de pauta, há uma participação ativa de todos os membros da equipe, incluindo editores e repórteres” (Rodrigues, 2023). Essa abordagem garante um ambiente de escuta constante, permitindo que todos, com suas perspectivas periféricas, contribuam com percepções, sugestões e tópicos relacionados a personagens que podem compor a produção jornalística da *PeM*.

Figura 2: O Instagram da Periferia em Movimento e suas pautas



Fonte: [instagram.com/periferiaemmovimento/](https://www.instagram.com/periferiaemmovimento/)

A equipe adota uma abordagem que considera uma notícia relevante quando envolve personagens periféricos. O critério utilizado para determinar uma notícia é o seu potencial de interesse público e sua relevância para as pessoas. Dessa forma, a *Periferia em Movimento* aborda assuntos como desigualdade social, saúde mental e outras temáticas relacionadas às periferias. Além disso, eles se interessam por notícias mais subjetivas, como projeções de futuro e desejos pessoais. Essa abordagem visa combater estereótipos e preconceitos, fornecendo uma variedade de notícias que possam informar e envolver os moradores.

Atualmente a *Periferia em Movimento* atinge 30 mil seguidores e 29 mil curtidas em sua página no Facebook, 20,2 mil seguidores no Instagram, 3.202 seguidores no X e 1,31 mil inscritos no canal do YouTube.

De acordo com Aline, o perfil predominante e prioritário dos leitores da rede consiste em mulheres, em sua maioria, supostamente¹⁵ cisgênero, com idades entre 35 e 40 anos, que estão envolvidas em alguma iniciativa ou mobilização de luta. Através dessa análise demográfica, a equipe busca direcionar sua produção jornalística de forma a atender às necessidades, interesses e demandas desse público específico, proporcionando conteúdos relevantes e engajadores.

Ao que tudo indica, a audiência dessa produção não é formada pela população das periferias, apresentadas como personagem principal das narrativas criadas por esses jornalistas, mas sim por um seletivo grupo de pessoas engajadas com causas variadas que circula em bairros centrais da capital paulista. (Rovida, 2018, p. 55)

54

A atuação da *Periferia em Movimento* abrange tanto a produção de conteúdo jornalístico como uma área de articulação, sendo igualmente importantes. Dentro da área de articulação, destaca-se a presença da educação midiática, que oferece cursos, palestras e oficinas de curta, média ou longa duração. Esses encontros de aprendizagem – como Aline prefere descrever – proporcionam oportunidades para que jovens adquiram vivências e conhecimentos técnicos e desenvolvam uma perspectiva jornalística.

A equipe da *PeM* é composta por uma combinação de repórteres fixos, repórteres freelancers e especialistas em linguagem, design e audiovisual. É importante ressaltar que

¹⁵ As plataformas utilizadas pelo coletivo para realizar o levantamento de leitores não possuem a funcionalidade de identificar a diferença entre pessoas cisgênero e transgênero durante o processo de cadastro de perfil.

atualmente todo o trabalho realizado pela equipe é remunerado, diferentemente de períodos anteriores em que contavam com o auxílio de trabalho voluntário.

A *Periferia em Movimento* recebe apoio financeiro por meio da plataforma Catarse¹⁶, que possibilita colaborações e contribuições de pessoas interessadas em apoiar o projeto. Segundo Aline, não contam com patrocínio tradicional – publicidade – para produzir conteúdo jornalístico nem realizar encontros de aprendizagem. Portanto, algumas das formas de manter o trabalho são os apoios institucionais e a prestação de serviços. Entre organizações e empresas que já apoiaram, estão: CIEDS, Fundação SOS Mata Atlântica, Fundo Brasil de Direitos Humanos, Meta/Facebook, Nexo Jornal, Red Bull, Sesc São Paulo entre outras.

De acordo com Aline a maior dificuldade encontrada no momento é a sustentabilidade da produtora a longo prazo “é sempre um desafio garantir recursos para manter a equipe a médio e longo prazo, já houve um momento [2012] em que foi preciso pausar a produção de conteúdo e pensar em meios de reestruturação”. Outro ponto citado é a compreensão da sociedade e respeito com o jornalismo periférico, Aline afirma que algumas pessoas acham que é um movimento ativista, que a produção não é de fato jornalismo. O que “se torna uma defesa constante e desgastante ter que argumentar o tempo todo o quanto o nosso jornalismo é ético e vai ao encontro inclusive do que se aprende na universidade e do que é o papel social do jornalismo” (Rodrigues, 2023).

55

A equipe da *PeM* percebe sua contribuição como uma forma de possibilitar que as pessoas tenham acesso a informações a partir de suas vivências, perspectivas e territórios. A representatividade é um dos aspectos considerados de grande impacto social. Além disso, um marco significativo foi acompanhar a mobilização por moradia, na qual anteriormente as demandas eram voltadas para a urbanização de ocupações. Hoje, testemunham a conquista de avanços nesse sentido, como a nomeação de ruas, acesso à eletricidade e garantia de direitos.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, pudemos compreender a importância do jornalismo periférico e seu papel na democratização da comunicação. Trata-se de uma prática que envolve temas locais, sinaliza temáticas importantes para a população da periferia em questão, divulga a cultura

¹⁶ Disponível em: <https://www.catarse.me/PEM>

periférica e apresenta serviços úteis para a comunidade. Ao fugir das pautas violentas e sensacionalistas tão comuns na mídia tradicional, o jornalismo periférico se destaca ao colocar o morador periférico como protagonista de suas próprias histórias.

Através da análise dos veículos de comunicação Agência Mural e Periferia em Movimento, constatamos como esses espaços jornalísticos independentes desempenham um papel fundamental para acesso à informação e no fortalecimento do debate público nas comunidades periféricas. Dessa forma, são essenciais para desconstruir estereótipos e promover a inclusão, representatividade e diversidade nos meios de comunicação. Atesta-se que o principal objetivo das iniciativas pesquisadas é retratar narrativas periféricas sob a ótica das periferias. Além disso, observa-se que a questão do financiamento e da subsistência dessas mídias emerge como um dos principais desafios a serem enfrentados.

A perspectiva obtida, através da fundamentação teórica de Mara Rovida, nos mostrou como o jornalismo periférico transcende a mera produção de conteúdo e se torna um agente de transformação social, nos permitindo perceber a importância da relação entre os produtores de comunicação e o território.

Em suma, reconhecemos que o jornalismo periférico, é um fenômeno que vai além de uma tendência passageira ou do simples relato de notícias, ele é uma resposta natural à necessidade de pluralidade de vozes e olhares na mídia. Ressalta-se ainda que acompanhar os desdobramentos dessas produções jornalísticas é, portanto, necessário.

Referências

Agência Mural de Jornalismo das Periferias. 2023. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Assis, Larissa Gould de. Virada comunicação: como coletivos de comunicação das periferias estão construindo uma nova forma de se comunicar. **Revista Anagrama**: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, junho, 2018. Volume 1. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/146727/140254>

Bezerra, Juliana Freire. Vozes da diversidade ecoam no jornalismo feito sobre, para e a partir das periferias e favelas brasileiras. Site **Observatório da Imprensa**. Acesso em: mar. de 2023.

D'Andrea, Tiarajú Pablo. **A formação dos Sujeitos Periféricos**: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia). USP, São Paulo, 2013.

Deuze, Mark; Witschge, Tamara. **Além do Jornalismo**. Revista Leituras do Jornalismo. v. 2, n. 4, jul.-dez. 2015, p. 17. Tradução. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/74/64>

Figaro, Roseli; Nonato, Cláudia. **Novos ‘arranjos econômicos’ alternativos para a produção jornalística**. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande: UFMS, 2015.

Figaro, Roseli. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

Fórum Comunicação e Território. **Mapa do Jornalismo Periférico**: passado, presente e futuro. São Paulo: Rede Jornalistas das Periferias, 2019.

57

Mautner, Yvonne Miriam Martha. A periferia como fronteira de expansão do capital. **O processo de urbanização no Brasil**. Tradução. São Paulo: EDUSP, 1999. Disponível em: <https://docplayer.com.br/182047906-A-periferia-como-fronteira-de-expansao-do-capital-yvonne-mautner.html> Acesso em: mar. 2023.

Maricato, Ermínia. Metrópole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, vol. 17, n. 48, São Paulo, jun 2003; p. 151-167. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LJf4kyjgfBw9PyLxBxbNRbf/?lang=pt&format=pdf>

Medina, Cremilda (org.). **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

Nonato, Claudia. **O perfil do jornalista das periferias de São Paulo: resultados iniciais**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2018, Joinville, SC. Santa Catarina: Univille.

Periferia em Movimento 2023. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Peruzzo, Cicilia M. Krohling. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, v. 11, n. 1, jan./abr. 2009. Disponível em: <<https://andi.org.br/wp-content/uploads/2020/10/21.-Movimentos-sociais-cidadania-e-o-direito-a-comunicacao-comunitaria-nas-politicas-publicas.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2025.

Rodrigues, Aline. Análise Periferia em Movimento. Entrevista concedida a Bruna Santos via whastapp. Abril de 2023.

Rovida, Mara. As periferias pelos periféricos – um fenômeno jornalístico contemporâneo. Revista **Extraprensa**. São Paulo, jul./dez. 2018, v. 12, n. 1, p. 50-65. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/149085/151708>

Rovida, Mara. **Jornalismo das periferias** - o diálogo social solidário nas bordas urbanas. Editora CRV, 2020.

Talarico, Paulo. Análise Agência Mural. Entrevista concedida a Bruna Santos via e-mail. Abril de 2023.